

DAVI NASCIMENTO ALVORADA INCERTA, PRESENÇA EQUILIBRISTA SOBRE O FIO DA LETRA

 10.5935/2177-6644.20230005

DAVI NASCIMENTO
UNCERTAIN DAWN, EQUILIBRIAN PRESENCE ON
THE WIRE OF THE LETTER

DAVI NASCIMENTO
AMANECER INCIERTO, PRESENCIA EQUILIBRISTA
EN LA LÍNEA DE LA LETRA

Ana Carolina Pedrosa Pontes *

 <https://orcid.org/0000-0001-7771-3867>

Resumo: Davi Nascimento foi um homem negro, um artista da letra, atravessado pelo sofrimento psíquico e suas estigmatizações. Movidos pelo videoarte *Davi – Alvorada Incerta* (Ana Pedrosa, 2021), pensamos na sua poética, orientados por operadores contra coloniais, para pensar na letra enquanto gesto, vocalidade, linguagem, memória, ancestralidade, produção de sentidos e inscrição de vida, em um mundo onde sua presença foi violada.

Palavras-Chave: Davi Nascimento. Desenho-grafia. Oralitura. Devir do homem negro no Brasil. Saúde Mental Antimanicomial.

Abstract: Davi Nascimento was a black man, a lyrical artist, traversed by psychic suffering and its stigmatizations. Moved by the video art *Davi – Alvorada Incerta* (Ana Pedrosa, 2021), we think about his poetics, guided by counter-colonial operators, to think about the lyrics as gesture, vocality, language, memory, ancestry, production of meanings and inscription of life, in a world where its presence has been violated.

Key-words: Davi Nascimento. Drawing-graphics. Oraliture. Becoming of the black man in Brazil. Anti-Asylum Mental Health.

Resumen: Davi Nascimento era un hombre negro, un artista de la letra, atravesado por el sufrimiento psíquico y sus estigmatizaciones. Impulsados por el videoarte *Davi - Alvorada Incerta* (Ana Pedrosa, 2021), pensamos en su poética, guiados por operadores contracoloniales para pensar en la letra como gesto, vocalidad, lenguaje, memoria, ascendencia, producción de significados e inscripción de la vida. en un mundo donde tu presencia ha sido violada.

Palabras-clave: Davi Nascimento. Dibujo-grafia. Oralitura. Convertirse en el hombre negro en Brasil. Salud mental contra el asilo.

* Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, com financiamento da bolsa Milton Santos de Pesquisa, Criação e Inovação (PROPCI/PROPG/UFBA). Artista visual e poeta. 
<http://lattes.cnpq.br/7936930776870499> - E-mail: anapedrosap@gmail.com.

Davi Nascimento foi um homem negro, de classe baixa, atravessado pela experiência do sofrimento mental e a estigmatização da loucura social. Davi foi uma pessoa querida por muitos, que nos momentos de maior disposição se movia levemente, com sorriso largo, fala carinhosa e bom humor. Davi foi um amigo querido que teve muita honra de conviver e criar junto.

Nos conhecemos no Centro de Convivência Arthur Bispo do Rosário (CCABR), um dispositivo da política de Saúde Mental substitutiva aos manicômios, que se configura como política pública municipal em Belo Horizonte/MG. Mediei a oficina de artes plásticas e visuais que demos o nome de L.E.I.A. (Laboratório de Experiências Intensas em Arte) junto de aproximadamente 20 a 25 convivas¹ com vinculações distintas, entre mais frequentes e de presença flutuante.

Davi aderiu ao L.E.I.A. de forma muito afetiva. Com toda a oscilação que carregava em si, como um estado de matéria que parecia estar contida no seu corpo, no movimento errante que essa matéria parecia gerar, era assim mesmo que demarcava sua presença. Davi se inscrevia, o ambiente não era e nem poderia ser ileso à sua presença. Anunciava já do portão do CCABR: - cheguei, Ana. E cada passo afirmava essa presença, cada degrau da escada intensificava essa presença, quando aproximava o eco da sua voz-presença, o trazendo para mais perto.

Não era sempre que ele vinha, que trazia consigo o desejo de criar. São muitos atravessamentos que perpassam um corpo oscilante como o de Davi, e são mais ainda outros violentos atravessamentos impostos a um corpo como o de Davi, uma existência como a de Davi, pela tirania e soberba da razão, do racismo e do classicismo.

Davi, conviva de um dispositivo antimanicomial que ganhou o nome de Arthur Bispo do Rosário, outro homem negro que vivenciou a experiência do sofrimento mental em um país que puniu e pune esse sofrimento. Bispo foi encarcerado durante aproximadamente 50 anos, até sua morte física, no Hospital Colônia Juliano Moreira.

Um Hospital Colônia, bem demarcou a multiartista e pesquisadora Tatiana Henrique (2021), é a junção do hospital psiquiátrico com a colônia. O sistema asilar manicomialista opera como um reordenamento sistêmico da escravidão – sendo esse um projeto ideológico capitalista e colonial, que depois de falido foi remodelado em instituições como as prisões e os manicômios, para que se mantivessem as hierarquias sociais, as explorações e violências fundadas pela invenção e imposição

¹ Termo-conceito proposto pelo poeta Valtinho Folha-Sêca para substituir o termo usuário, considerando a pró-atividade dos frequentadores dos serviços de saúde mental antimanicomial, tanto em relação ao cotidiano de convivência, quanto em relação ao engajamento artístico-político nestes. Termo adotado desde a dissertação *Poesia é a nossa estrutura: árvore, luta e artevida* (PONTES, 2020), em que o conceito aparece de forma inaugural no formato escrito.

de raça, classe e gênero, e sobretudo para que o negócio da subalternização continuasse sendo lucrativo. A fundação dos Hospitais Psiquiátricos e suas derivações, bem como a institucionalização da psiquiatria enquanto ciência, foi operacionalizada, capitalizada e ancorada pela eugenia, a mesma ideia de raça superior que sustentou ideologicamente a escravidão. Está posto, enfim, um sistema asilar que age, opera e significa a continuidade da exploração, violência e morte imposta pela colônia. Da mesma forma, esse modelo repetiu maus-tratos, desumanizações e genocídio – que somente na maior instituição manicomial brasileira que já se soube, em Barbacena/MG, matou 60.000 pessoas (ARBEX, 2013, p. 13).

Na instituição manicomial, a vida de Arthur Bispo do Rosário foi represada. Arthur Bispo do Rosário, homem negro nordestino em situação de sofrimento mental, interseccionado (CRENSHAW, 2002) por demarcações subjetivas que se dão como carimbos em um corpo que transita por um país violentamente colonialista, uma existência marcada para e pela violência racial, colonial, manicomial, sociocultural e capitalista.

Um homem negro em um Brasil ainda ancorado por seu sistema fundante escravocrata, já nasce alvo de segregações, como a designação da loucura. Frantz Fanon (1968) pensa nas dimensões do adoecimento psíquico, pelas violências ideológicas do racismo, como um valor da colonialidade, que perdura pelas entranhas da sociedade – e não somente nas instituições – e atua tanto como os biopoderes – como proposto por Michel Foucault (1979) –, quanto comandado por uma necropolítica – como ensinou Achille Mbembe (2016). O adoecimento, em muitas nuances biopsicossocioculturais (NUNES, 2012) e ancestrais, se impõe, em consequência da própria existência humana enquanto uma interação cultural. Se a sociedade formada pelo racismo, sexismo, classismo, heteronormativismo, pragmatismo e moralidade clérica, ainda por esse prisma se configura e atua, tanto institucionalmente quanto nas suas capilaridades cotidianas, toda existência que não responda às suas imposições – e, portanto, que não se encaixe – padece do deslocamento de si por uma cultura da exclusão, da formação da diferença e da punição em decorrência dela.

Grada Kilomba (2019) fala da formação de outridades – sobretudo pela perspectiva racial –, de existências afastadas do “padrão do homem oficial”, ou seja, o padrão eurobrancocentrado heteronormativo. Sueli Carneiro (2005) ainda aborda a formação de um sistema de pensamento que julga essas outridades como características de um “não-ser”, que retiram da existência, de grupos narrativos, a subjetividade, coisificando pessoas e saqueando delas o estatuto de humanidade.

A partir dessa premissa o manicômio opera, como sugere Franco Basaglia (2005), na tentativa de aniquilação de tudo o que pertence ao sujeito na sua demarcação subjetiva com o

mundo.

A imagem do institucionalizado corresponde, portanto, ao homem petrificado dos nossos hospitais, o homem imóvel, sem objetivo, sem futuro, sem um interesse, um olhar, uma expectativa, uma esperança para a qual apontar; o homem aplacado e livre dos excessos da doença, mas já destruído pelo poder da instituição; o homem que só poderá ser impelido à busca de si mesmo, à reconquista da própria individualidade somente pela posse da própria liberdade, se não quisermos que continue a identificar seu vazio interior com o espaço limitado e vazio do manicômio (BASAGLIA, 2005, p. 27).

O manicômio como ideologia de mortandade e saqueamento do direito à vida – capitalismo de barbárie –, atua sobre a morte não somente física do sujeito, mas na tentativa de aniquilação da sua produção de subjetividades. E assim o faz não somente dentro dos muros institucionais, mas também na malha social.

O nascedouro das políticas, projetos e da luta antimanicomial em si, partem, portanto, da tentativa não somente de se derrubar os muros das instituições manicomiais, mas também de dismantelar a ideia manicomial – de controle, punição, isolamento e violência da diferença e do próprio sofrimento – presentes na cultura. Entendendo que a estrutura histórica e a manutenção das relações institucionais, interpessoais e cotidianas na sociedade criam os sofrimentos, as políticas antimanicomiais se configuram como tentativas e ações de reparações históricas. Essas não devem ser compreendidas apenas enquanto a substituição de uma instituição (manicomial) por outra (antimanicomial), mas como o exercício de uma outra ideia de sociedade, vinculando a ética antimanicomial às construções cotidianas socioculturais e não apenas à clínica.

É preciso devolver a discussão do sofrimento mental e da experiência da loucura como uma experiência humana, que precisa de cuidados clínicos, mas não somente. Historicamente, a experiência da loucura foi retirada do seu lugar social pelo domínio médico, a loucura foi patologizada, o sofrimento mental e sobretudo a pessoa em situação de sofrimento mental foi reduzida e estigmatizada ao *locus* desse sofrimento e foi instaurado assim uma violência excludente dentro e fora das instituições de isolamento, controle e punição.

Um dispositivo que se entende antimanicomial, deve operar não apenas no funcionamento da própria instituição, mas na tentativa diária de interação sociocultural, no sentido de gerar o dismantelamento da estigmatização da loucura, movimentando nos dois sentidos – da instituição para a sociedade e cultura e vice-versa.

Franco Rotelli (1988) falou sobre essa instituição inventada – a antimanicomial –, que não deveria vestir de fato o lugar institucional, mas tecer, com o respaldo da instituição, uma outra forma de se portar, para não acabar por reproduzir e se reduzir-se a uma operacionalidade comum ao sistema capitalista-colonial-manicomial.

Atualmente as políticas antimanicomiais correm sérios riscos de desmonte, nas tentativas políticas fundamentalistas de retroceder com uma Contra-Reforma Psiquiátrica. Há também os riscos de que o próprio funcionamento institucional reproduza velhos vícios de controle e poder pela incorporação da estrutura institucional (FOUCAULT, 1979), acabando por não compreender a instituição muitas vezes como um paliativo histórico para uma mudança de fato do paradigma sociocultural e retomada do assunto manicomial pela cultura, assim como uma retomada do cuidado e atenção ao sujeito por uma abordagem antimanicomial que não se atenha somente à perspectiva clínica.

Marcus Vinícius Oliveira (2014) pensou nas organizações e projetos antimanicomiais como dispositivos que, a partir da sua atuação, gerassem efeitos na cultura. Isso também quer dizer que os modelos antimanicomiais, para além de gerarem clínica e assistência às pessoas em sofrimento mental e suas famílias, deveriam garantir dimensões de ressocialização e vinculação territorial, podendo e devendo gerar alteração, rasura no sistema de interpretação cultural em relação à saúde e sofrimento mentais. Uma das nossas movências aqui, será pensar em presenças que ecoaram para além do tempo em que viveram e rasuraram o sistema da saúde mental brasileira de forma irreversível, apesar das constantes tentativas de represália dos modelos antimanicomiais. Movidos pela poética de Davi Nascimento, tentaremos costurar relações pares ao seu lugar narrativo de criação poética e subjetiva, que borra, rasura o sistema cultural-manicomial-colonial-capitalista que o quer sem posse dessa criação.

Partimos do que Achille Mbembe (2014) nomeia de devir negro no mundo e, para o caso específico das narrativas às quais nos referimos aqui, nomeamos de devir do homem negro no Brasil, essa continuidade imposta como condição à vida, que opera por retirar dela direitos cidadãos e desconsiderar qualquer porção de produção de subjetividade, na intenção de manter essas existências na brutalidade e subalternidade exploradora.

Arthur Bispo do Rosário, homem negro nordestino em situação de sofrimento mental, com sua presença-costura de vida e suas linhas, rasurou um sistema de interpretação sociocultural, gerando efeitos na cultura, desde o sistema carcerário manicomial – que é forçado de alguma forma a se retratar – a dispositivos antimanicomiais ou equipamentos artístico-culturais – que igualmente carregam o seu nome, espera-se, como marca ética –, além do campo das artes contemporâneas e linguagens que precisaram expandir e transversalizar suas pautas e domínios, para terem condições de dimensionar a presença de Arthur Bispo.

A obra e vida de Bispo rasuraram a fratura das instituições de poder, da saúde, das artes, das

linguagens, demandando aberturas de campos interpretativos e reposicionamentos dos velhos modelos operacionais da/na/pela sociedade.

Davi Nascimento, similarmente um homem negro em situação de sofrimento mental, encontra suas letras, suas linhas em um dispositivo que traz o nome de Arthur Bispo do Rosário. Davi, assim como Bispo, foi um homem negro em um Brasil que historicamente adocece, criminaliza e mata homens negros, em um país em que os homens negros representam o maior índice de encarceramento e, sabemos, terem sido a força escravizada que suspendeu as estruturas físicas-arquitetônicas e sociais que mantêm essa civilização (ainda) colonialista. Foi a escravizada que construiu forçosamente a arquitetura da mesma barbárie que sempre os matou, física e subjetivamente.

O homem negro no Brasil, poderíamos compreender, está historicamente exposto a um sofrimento decorrente, muitas vezes, da condição do trabalho bruto, braçal açoitado pela violência, de um sistema que não retorna e nem responde à sua vida e produção de cidadania. O escritor Lima Barreto, também um homem negro, viveu a experiência do manicômio. Das internações escreveu *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos* (s/ data). Duas das discussões que o autor faz, para nós aqui se tornam imprescindíveis. Na primeira ele afirma que estava de posse da sua sanidade, mas que pela combinação do abuso de álcool com a situação material vulnerável que se estendia na sua vida e da sua família, teve delírios e vagou pela cidade.

O próprio abuso de álcool, sabemos, pode se configurar como sintoma de algum sofrimento já presente e a vulnerabilidade material tem sido historicamente causadora de inúmeras intercorrências na saúde, inclusive nas condições psíquicas e emocionais. Desse ponto também retornamos ao devir do homem negro desde o Brasil Colônia. Exposto historicamente ao trabalho bruto, violento, explorador e forçoso, sem políticas reparadoras após a suposta abolição da escravatura, o homem negro – assim como toda a população negra – esteve e ainda está vulnerável materialmente e subjetivamente. Sem trabalho assegurado, apartado da escolaridade formal, exposto à escassez de políticas públicas de inclusão social, seguridade, com maioria gritante nos encarceramentos prisionais e manicômios e perseguido por uma sociedade estigmatizadora, que repete o racismo das instituições autoritárias e persecutórias no cotidiano. Esse homem é colocado historicamente no mesmo lugar dos seus antepassados, desde o sequestro no continente africano e a escravização dessas vidas. A diáspora compulsória e a escravidão de antes são correlatas à prisão, ao manicômio e à falta de condições de produção de cidadania de hoje. Exposto continuamente à tentativa de brutalizá-lo, de mantê-lo no lugar servil, sua subjetividade é insistentemente violada e

violentada.

A sanidade está por um fio de nós humanos. Quando de nossa vida é retirado quase todo recurso básico, o delírio substitui a linguagem – essa, assim como a vida, precisa de alimento. Se não se tem o que comer, não há movência para uma existência. Antonin Artaud (1987) desenha um paralelismo entre a cultura e a fome.

Antes de retornar à cultura, constato que o mundo tem fome e que não se preocupa com a cultura, e que apenas de um modo artificial é que se pretende dirigir para a cultura pensamentos que se voltam unicamente para a fome. Mais urgente não me parece tanto defender uma cultura cuja existência nunca salvou uma pessoa de ter fome e da preocupação de viver melhor, quanto extrair, daquilo que se chama cultura, idéias cuja força viva é idêntica à da fome (ARTAUD, 1987, p. 15).

Para Artaud, deveríamos discutir a cultura com a mesma “força viva” que precisamos discutir a fome. Essa afirmação responde a demanda urgente não somente da implantação de políticas de reparação à população negra e pobre do país, mas também à demanda de modificação e alteração da visão cultural imposta à muitas narrativas, como a do homem negro brasileiro que aqui estamos tateando. É preciso que compreendamos que o alimento (direito) assegurado à vida de todos nós, deve ser material e subjetivo. Se à narrativa comum ao homem negro no Brasil se impõe a brutalização e animalização da sua vida, para onde vai a produção subjetiva desse homem? A insanidade pode ser diretamente proporcional às condições de cidadania e produção de subjetividades.

Retornamos à Lima Barreto para pensarmos no segundo ponto trazido por ele e enfaticamente necessário para nossa discussão. Cito-o:

Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social (BARRETO, s/ data, p. 3).

Por essa passagem do texto, vemos com nitidez o prolongamento da escravidão do Brasil, os homens escolhidos para o remodelamento do capitalismo de barbárie, o negócio lucrativo da violência e exploração. Lima Barreto afirma o que dissemos antes “a falta de recursos e proteção atira naquela geena social” (BARRETO, s/ data, p. 3). “Recursos” e “proteção”, duas obrigações do Estado brasileiro segundo a Constituição de 1988.

“São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros [...], copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais” (BARRETO, s/ data, p. 3), por essa passagem afirmamos as origens dos homens encarcerados nos manicômios e com isso respaldamos

a noção de continuidade de um devir imposto ao homem pobre, mas sobretudo negro, no Brasil, desde a colônia.

Lima Barreto rasura essa sistemática, rabiscando-a dentro da sua própria página, no seu *locus*, desmascara, evidenciada, denunciada. A palavra é sua aliada. Ressemantiza, repolitiza e redimensiona uma experiência – a do seu próprio encarceramento – que poderia ser contada por quem o encarcerou, e, assim, certamente seria diferente. Mas quem conta é ele, um homem negro que toma de posse suas palavras, suas letras, suas páginas, sua produção de subjetividade e interpretação, sua história, sua narrativa e junto, narrativas das comunidades que se identificam, aqui, sobretudo, dos homens negros encarcerados em manicômios no Brasil.

Assim como Lima, Arthur Bispo do Rosário, igualmente um homem negro e pobre no Brasil, grafou e nesse ato se inscreveu e se sobrepôs à morte.

A linguagem e a criação sempre foram esse local onde, de algum modo, direcionamos nossa produção de subjetividades, devir e sentidos para viver. Segundo Foucault (*Apud* PATROCÍNIO, 2009), há uma estrutura de recusa no ocidente que nega a fala como linguagem, o gesto como obra, para retirar de determinados sujeitos o seu direito de inscrição na história. Há, portanto, uma estrutura de poder, dentro do sistema interpretativo, que coordena determinada cultura – no nosso caso, um sistema ainda preso no modelo eurobrancocristão e heteronormativo –, que opera na negação de determinadas existências e narrativas, para que não sejam consideradas como presença na vida comum, e, da mesma forma, para que não se garantam direitos de existirem. A linguagem é um campo de batalha e, de poder, e negar o direito a ela, é negar existências e consolidação de direitos.

Alice Walker (1972) pensa nos gestos poéticos que foram impedidos de se inscreverem na vida de mulheres negras estadunidenses, desde o período colonial. Trazendo essa perspectiva da contenção de subjetividades e criações pelas imposições e cortes colonialistas, pensamos nas formas forçadas, violentas, exploradoras e servis que se impuseram historicamente – e ainda se impõem – sobre (não somente) homens negros no Brasil. Essa narrativa se impõe ao que já articulamos, da exposição a um sofrimento psíquico que pode ser gerado a partir da supressão das pulsões de vida, de criação e linguagem contidas por uma imposição sociocultural vertical.

Contudo, Lima Barreto se inscreveu, Arthur Bispo do Rosário se inscreveu, Davi Nascimento se inscreveu. Muitas vezes de posse da dor, (mas, queremos acreditar que) sobretudo em um empuxo de irrompê-la e transformá-la, como ensinou Vilma Piedade (2017) com o conceito de dororidade, forjado para articular as movências criadoras e relacionais de pessoas negras

habitantes de um sistema fundamentalmente racista e colonial. Por meio desse operador conceitual, poderíamos compreender essa linguagem-partilha que nasce do devir negro, e aqui pensamos especificamente no devir do homem negro, que sofre historicamente a tentativa de apartá-lo do direito da sua produção subjetiva, criativa e da linguagem, para que reste para ele somente lugares em que suas manifestações são relacionadas ao delírio, ao sofrimento e à dor, e para que essa possa afogá-lo na desapropriação de si, para que se aproprie dele a instituição cultural-manicomial-colonial. A dororidade nos leva a pensar nesse agenciamento que o sujeito busca porque quer a própria vida, que muitas vezes se dá pela linguagem e criação – que são próprios da inscrição de si e comunitária – e pode, de toda sorte, afetar o estado imposto de morte ou de vida-morte.

Davi Nascimento se sobrepôs à tentativa de morte das palavras que o habitavam e grafou. O caminho inconstante, sobrevivente, incerto das linhas de Davi, se mostram como um desenho-grafia (EVARISTO, 2007), como a demarcação do seu território subjetivo de pertença, como uma grafia oral, uma vocalidade, de si e da oscilante inscrição do mundo na sua vida.

A grafia-desenho se tece como gesto poético, como o texto de Davi no mundo. Na mesma dimensão em que esse texto pode o agenciar (DELEUZE; GUATTARI, 1977), a si e à sua comunidade narrativa, no sentido duplo, complementar, esse texto amplia o campo da linguagem. Davi move um texto-vida atravessado pela letra, que aqui pensamos a partir da compreensão do operador conceitual de Lúcia Castello Branco (2000), a letra como um gesto vivo, que se movimenta nas suturas da vida e demarca os pontos de letra, os pontos de fuga, os pontos de linha da linguagem que costura a existência. A letra de Davi é desenho-escrita, uma grafia-desenho do movimento do seu corpo pelo mundo, da sua existência na inscrição da vida, assim como ensina Conceição Evaristo (2007).

Leda Maria Martins (2003) pensa no corpo enquanto portal de sabedoria de uma memória ancestral. E nas inscrições desse corpo através de grafias para além da palavra escrita e articulada. O que temos aqui entendido como gesto-grafia, desenho-grafia, ponto de letra na criação de Davi Nascimento, também se relaciona a uma memória ancestral – ao que Leda Martins conceitua como oralitura² –, que lhe traz um movimento de corpo, assim como um movimento de letra, como a sua forma de portar o mundo e transitar por ele, criando formas como sentidos.

² Operador teórico-conceitual trabalhado por Leda Maria Martins (2003), que aqui recorremos para pensar em outras textualidades que resvalam a aparição formalista da palavra articulada, ou seja, que opera por um campo expandido, ampliando a própria noção de textualidade, já que considera o lugar do corpo, das narrativas e pertencas, subjetividades e performatividades, considerando outros regimes epistemológicos, sentidos e modos de existir.

O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório das formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. [...] A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos vôlejos do corpo (MARTINS, 2003, p. 77).

A oralitura se dá então como esse ponto de letra que une, arrematando como uma costura, as letras que escapolem do corpo de Davi para a página. O movimento de corpo, assim como o movimento de letra, da grafia-desenho de Davi, se dá como sua performance, seu portal ancestral de memória, da sua relação com o mundo.

A memória dos saberes dissemina-se por inúmeros atos de performance, um mais-além do registro gravado pela letra alfabética; por via da performance corporal – movimentos, gestos, [...] – a memória seletiva do conhecimento prévio é instituída e mantida nos âmbitos social e cultural. Assim, na oralitura dos Congados, o corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória [...] (MARTINS, 2003, p. 78).

O corpo, portal que “simultaneamente inscreve e interpreta, significa e é significado [...] continente e conteúdo” (MARTINS, 2003, p. 78), diz muito sobre o movimento de corpo e o movimento de letra-grafia de Davi pelo mundo. “Fica tranquila, não adianta eu explicar porque você não vai entender”, era o que ele dizia quando alguém se aproximava do seu desenho enquanto ele criava. Eu nunca perguntei o que continha ali naquelas letras, eu só gostava e pronto, isso me bastava. Das letras, assim como da presença de Davi, eu só gostava e sabia que existia algo ali que nós realmente não poderíamos compreender – como ele dizia –, não com a leitura restrita de uma cultura letrada pelo pensamento ocidental. Poderíamos compreender se olhássemos por outra via interpretativa, como oralitura, como performance de uma memória ancestral, hoje percebebo.

Enquanto escrevo sobre a poética de Davi, meu corpo também se movimenta, inscrever junto dele também exige de mim um movimento de corpo distinto, demandado pela sua movência poética, pelo gesto (in)contido da/na sua matéria plástica. Foi depois de algum tempo do seu encantamento na eternidade, que consegui pensar articuladamente e escrever sobre sua criação. Como um movimento de empuxo pela memória, revi nela nossos encontros, brincadeiras, conversas e seus desenhos-escritos. Foi somente tomada, de certa forma, da sua presentificação, de rever suas imagens e as histórias de concepção de cada um daqueles desenhos-grafias, que consegui transformar a emoção em linguagem.

Na tentativa de rasurar a versão supremacista de interpretação do que ideologicamente foi construído como loucura e como linguagem, pensamos então no transverso de Davi, que através das letras que escapavam do seu corpo, se movia e organizava um mundo que insistiu em bani-lo. O

texto inicial, que deu origem ao videoarte *Davi – Alvorada Incerta* (Ana Pedrosa, 2021), que realizamos em sua homenagem, nasceu sendo desenhado na folha que se movia em condição circular, enquanto se fazia a escrita. Pensava em Davi quando desenhava e movia continuamente a folha, de modo que as palavras ganhavam um movimento. Percebi que a forma que convocava a presentificação do tema: escrever com Davi me fazia retornar ao seu movimento de corpo, ao seu movimento de letra, que são uma unidade de movimento e é incerta. E o processo afetivo me permitiu ousar responder com linguagem e formas, a demanda pedida.

A página, a letra, a grafia-desenho, tudo se construía significante para manter o diálogo com a criação de Davi. Havia de ser atravessada pela substância pela qual ele mesmo estabelecia sua presença – a matéria, a letra como gesto, a vocalidade da letra, a linguagem. Agora sim, no movimento oscilante, incerto do fio da letra, eu poderia caminhar-desenhar-grafar. Estava sendo ensinado: a letra como forma de estar no mundo, o fio da letra como tessitura da condição de existir.

Do texto nasceu o videoarte, porque se fazia latente a necessidade de ver sua grafia-desenho, em movimento visual, em movimento oral. Cito-o.

Davi – alvorada incerta

Nas-cimento – semente de escrita
Atravessada por tudo que passa pelo corpo e esbarra
Enquanto ele pronuncia – palavra por palavra –
Pelos cotovelos, joelhos, pés, todas as arestas

Davi – inconstante ponto de letra
Presença equilibrista sobre o fio
Estado de vida que diz que a palavra cai porque é
Insuficiente

Davi – letra que esbarra, avoa, trúpica
Ponto de letra como condição de andar
Essa coisa que vacila porque desconhece o contorno duro
Dança desorganizada que movimenta pra mostrar desarme
Jogo de Angola
que salta na garganta, embaralha e
Provoca um estado de movimento, de texto
desenho, marca, cicatriz
nome de pessoa, de gente, de coisa, de bicho, de língua, de cultura, de invenção
de quem existe, de quem não existe,
de quem não existe pra você

- Ana, Karen, Diego, quero o meu vale
Quero o meu valer
Dar nome pra dar forma
Desenhar o nome pra fazer existir, valer
Pra fazer valer: ficar vivo, mais um dia
Nesse tempo-espaco abstrato
Incerto,
Que confunde o que eu toco, o que eu não toco

- Preciso que a canetinha funcione, Ana

Sem tinta não dá
Sem tinta eu não nomeio, não desenho
Sem matéria eu não escrevo, não me inscrevo
não organizo essas letras
que insistem em flutuar pelo meu corpo
O dia todo, pela alvorada

Eu, existindo em estado de texto
Um corpo errante, contraditório e por isso político
No mundo, no duro mundo
Eu, que embaralho identidades e pertenças
Porque sei de Israel, do Nordeste, da Bahia, de Minas
Tudo existe em mim:
Punhal, Lampião, Rei Salomé – coexistem
E flutuam

Palavras que desintegram e juntam
Como quero
Invento um dialeto que não explico
Não preciso
Não é preciso – a letra dança
Como a vida
Que de-forma
Forma-semente
Forma de semente: Davi
Das mesmas letras que a vida

(Ana Pedrosa, 2021)

Em *continuum*, em movimento espiralar, como ensinou Leda Maria Martins (2002) também nasceu esse texto. Para falar sobre a criação de Davi Nascimento junto de Davi Nascimento, teríamos que convocar outras presenças, porque Davi nunca esteve sozinho. Em um espiral do tempo ancestral, sempre estiveram junto Lima Barreto, Arthur Bispo do Rosário, Stella do Patrocínio, Virgílio, Amaral, João Alexandre, Antônio... porque a grafia-desenho de Davi reporta a uma memória ancestral comum, do povo negro e do povo pobre de um país que ainda se porta como colônia e intercepta essas vozes, essas narrativas, essas presenças, seus direitos e suas criações. A voz de Davi, a grafia-desenho, a oralitura de Davi se soma ao coro dessas vozes que demarcam não poderem ser interpretadas por regimes epistemológicos estruturalmente coloniais e manicomialis.

Esboçamos assim outros modos de conexão e cosmo percepção, para ler o texto inscrito de Davi no mundo, que produziu seu próprio lugar na história. Oscilante e incerto, Davi ensinou sobre a liberdade da letra, o salto da palavra, o movimento dos sentidos de um fio de letra equilibrista, que trata e alinhava tantas nuances da matéria e de nossas relações e – como se de si não tivesse sido retirado o direito –, se inscreve. Davi se encantou na eternidade e nos deixou os fios grafados da sua alvorada incerta, oscilante como o corpo que se movimenta em um mundo roubado, na memória da letra que fala, que performa, na inscrição da sua letra oralizada, sua voz sempre ecoante, subindo as escadas.

Davi é agora nosso ancestral, presença literária.

Referências

- YOUTUBE. Canal - Clínica, com quê? **A clínica ampliada da “coisa mental”: desinstitucionalização e subjetividade** - Palestra: Marcus Vinícius Oliveira. 2014. Vídeo (47 min). Disponível em: “<https://www.youtube.com/watch?v=RXoYLOS7R11>, Acesso em 24 dez. 2022.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- ARTAUD, Antonin. **O teatro e o seu duplo**. Trad. Teixeira Coelho. 3ª Ed. - São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1987.
- BASAGLIA, Franco. **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Paulo Amarante (Org.). Trad. Joana Angélica D’ávila Melo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BARRETO, Lima. **O cemitério dos vivos**. Universidade da Amazônia – UNAMA. s/ data.
- BRANCO, Lúcia Castello. Palavra em ponto de p. In: **Os absolutamente sós – Llansol – A letra – Lacan**. Belo Horizonte: Autêntica; FALE; UFMG, 2000. p. 19-33.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação, na área de Filosofia da Educação), São Paulo: Universidade do Estado de São Paulo - USP, 2005.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 01, p.171-189, 2002.
- YOUTUBE, Canal – Ana Pedrosa. **DAVI – Alvorada Incerta**. Direção Ana Pedrosa. 2021, 3 min. 38 seg.. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FT44H1nTdw4&t=7s>>. Acesso em 24 de dez. de 2022.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka-** Por uma literatura menor. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1977.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Orgs.) **Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. In: PATROCÍNIO, Stela. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Viviane Mosé (Org.). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.
- HENRIQUE, Tatiana. Fala proferida na roda de conversa Arte em Cena – Stella do Patrocínio,

presente! SESC, Rio de Janeiro: 10 de setembro 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=unMIAhEjATM>>. Acesso em 29 de set. de 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. *In*: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Orgs.) **Performance, exílio, fronteiras**: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Poslit, 2002. p. 69-91.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Língua e Literatura: Limite e Fronteiras**, n. 26, p. 63-81. 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. **Arte & Ensaios**, n. 32, p. 122-151. 2016.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Portugal: Antígona, 2014.

NUNES, Mônica de Oliveira. Interseções antropológicas na saúde mental: dos regimes de verdade naturalistas à espessura biopsicossociocultural do adoecimento mental. **Interface – Comunicação, saúde e educação**, v.16, n.43, p. 903-15. 2012.

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

PONTES, Ana Carolina Pedrosa. **Poesia é a nossa estrutura**: árvore, luta e artevida. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens), Salvador: Universidade do Estado da Bahia - UNEB, 2020.

ROTELLI, Franco. **A Instituição Inventada**. Trad. Maria Fernando de Silvio. Santos: Casa de Saúde Anchieta. 1988.

WALKER, Alice. Em busca dos jardins de nossas mães. Trad. Leticia Cobra Lima. Traduzido a partir de WALKER, Alice. In Search of Our Mothers' Gardens. *In*: MITCHELL, Angelyn (Ed.). **Within the Circle**: An Anthology of African American Literary Criticism from the Harlem Renaissance to the Present. Durham and London: Duke University Press, 1994.

Recebido em: 07 de março de 2023.

Aprovado em: 30 de abril de 2023.